



**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET-FARMÁCIA)**

**TUTORA: Profa. Dra. Leônia Maria Batista**

**BOLSISTA: Larissa Ribeiro da Silva**

**Resenha crítica: Coded Bias**

O filme “Coded bias” é um documentário que estreou em 2020, com duração de 90 minutos, sob a direção da norte-americana Shalini Kantayya, uma cineasta e ativista ambiental que tem como perfil de produção obras que tratam sobre os direitos humanos básicos, como água, comida e energia. Dentre os seus documentários mais famosos está o “Catching the Sun”, que aborda questões sobre a energia solar. A produção em análise, mesmo relativamente recente, apresenta uma indicação ao prêmio NAACP Image Award de Melhor Documentário de Cinema.

A obra traz como foco o viés presente na tecnologia de inteligência artificial para reconhecimento facial de pessoas negras. Este fato foi descoberto por meio de uma pesquisa acadêmica da estudante negra Joy Buolamwini do Massachusetts Institute of Technology (MIT), que descobriu por meio do seu projeto de reconhecimento facial que o algoritmo não conseguia identificar seu rosto, mas quando colocado uma máscara branca ele funcionava. A partir desses achados a estudante observou que quando a inteligência artificial é treinada a partir de dados que possuem informações predominantemente relacionadas a homens e mulheres brancos, a torna incapaz de reconhecer outros padrões diferentes, como seu rosto negro.

Além desse fato, que desencadeia todo o documentário, outros exemplos e situações de viés com IA são evidenciados, como o algoritmo da Amazon para recrutar pessoas para cargos na empresa que não reconhecia mulheres, já que sua posição nesses cargos é incomum; ou o algoritmo de uma empresa de saúde que priorizou pessoas brancas menos urgentes a pessoas negras com quadros graves; ou ainda pior, quando dados podem ser usados para influenciar

peças a comprar algo ou disseminar ideias, como ocorreu na eleição de 2010 nos Estados Unidos, em que o Facebook influenciou mais de 100.000 pessoas a votar, o que foi decisivo no resultado da eleição.

O uso de tecnologias que reconhece padrões de rosto e o emprego da inteligência artificial está avançado nos dias de hoje e avança a cada dia mais. Há algoritmos para quase tudo atualmente, eles são usados para desbloquear celulares, em filtros do Instagram, conceder moradias e, aeroportos e vários países usam como meio de vigilância pública. Mas isso tudo coloca em pauta questões éticas e sociais, principalmente quando se vê que a tecnologia não é neutra e pode ser tendenciosa, criando padrões como racismo e a misoginia, os quais ainda são uma batalha constante para desconstrução.

Dessa forma, ceder informações é proporcionar poder aos detentores desse meio, os quais utilizam desse artifício para influenciar a vida das pessoas, porém, levanta-se o questionamento de até que ponto isso é legal, uma vez que as informações cedidas para aplicativos e sites podem ser usadas de forma indevida pela inteligência artificial para encontrar pessoas específicas naquele momento com bases nos dados coletados, identificar suas vulnerabilidades e deixar a pessoa tentada a fazer o que ela é mais suscetível naquele momento. Desse modo, isso demonstra que a não regulação de tecnologias dessa natureza é perigosa, sendo necessário a criação de leis para o seu controle.

Em relação aos aspectos técnicos, a produção apresenta um enredo bem estruturado e composto por sequências de informações relevantes que prendem o telespectador. Além do mais, a temática induz os indivíduos a refletir sobre a profundidade dessa temática e como ela pode impactar negativamente a vida das pessoas num futuro muito próximo.